

# DOCUMENTOS DO AFEGANISTÃO

A HISTÓRIA  
SECRETA DA GUERRA



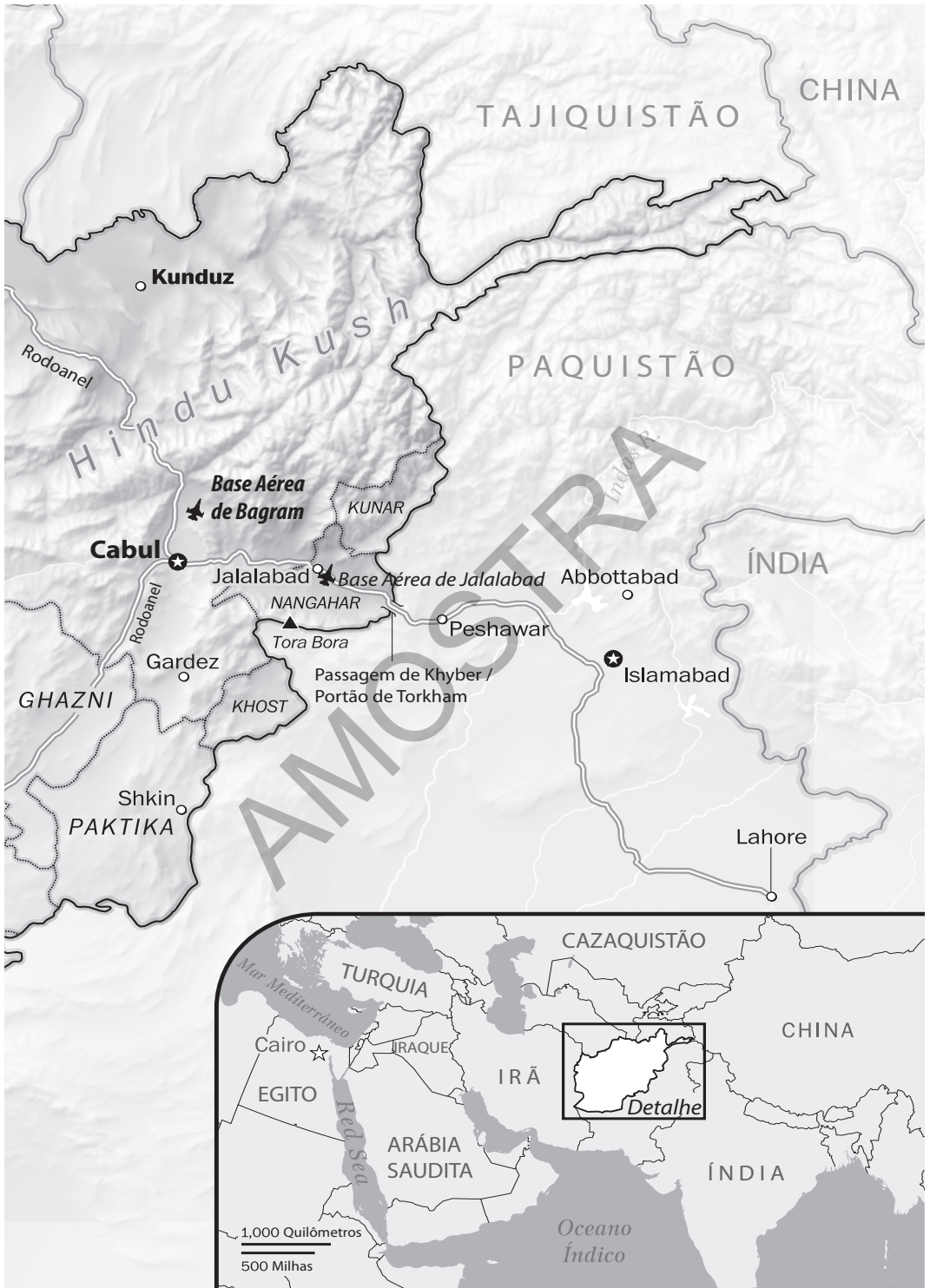
CRAIG WHITLOCK



ALTA CULT  
EDITORA

Rio de Janeiro, 2022





# Sumário

	<i>Prefácio</i>	<i>xi</i>
<u>PARTE UM</u>	<b>UM FALSO GOSTO DE VITÓRIA, 2001–2002</b>	
CAPÍTULO UM	Uma Missão Confusa	3
CAPÍTULO DOIS	“Quem São os Bandidos?”	17
CAPÍTULO TRÊS	O Projeto de Construção da Pátria	29
<u>PARTE DOIS</u>	<b>A GRANDE DISTRAÇÃO, 2003–2005</b>	
CAPÍTULO QUATRO	A Reflexão Tardia sobre o Afeganistão	43
CAPÍTULO CINCO	Levantando um Exército das Cinzas	55
CAPÍTULO SEIS	Islã Para Leigos	67
CAPÍTULO SETE	Jogando dos Dois Lados	77
<u>PARTE TRÊS</u>	<b>O TALIBÃ RETORNA, 2006–2008</b>	
CAPÍTULO OITO	Mentiras e Rodeios	91
CAPÍTULO NOVE	Uma Estratégia Incoerente	103
CAPÍTULO DEZ	Os Senhores da Guerra	115
CAPÍTULO ONZE	Uma Guerra contra o Ópio	129

<u>PARTE QUATRO</u>	<b>EXCESSOS DE OBAMA, 2009–2010</b>	
CAPÍTULO DOZE	Dobrando a Aposta	145
CAPÍTULO TREZE	“Um Poço de Dinheiro Escuro e sem Fim”	157
CAPÍTULO CATORZE	De Amigo a Inimigo	169
CAPÍTULO QUINZE	Consumido pela Corrupção	183
<u>PARTE CINCO</u>	<b>A REALIDADE DESMORONA, 2011–2016</b>	
CAPÍTULO DEZESSEIS	Em Guerra com a Verdade	199
CAPÍTULO DEZESSETE	Inimigo Interno	213
CAPÍTULO DEZOITO	A Grande Ilusão	227
<u>PARTE SEIS</u>	<b>BECO SEM SAÍDA, 2017–2021</b>	
CAPÍTULO DEZENOVE	A Vez de Trump	239
CAPÍTULO VINTE	O Narco-Estado	249
CAPÍTULO VINTE E UM	Conversando com o Talibã	259
	<i>Agradecimentos</i>	271
	<i>Comentários sobre as Fontes</i>	277
	<i>Notas</i>	281
	<i>Referências</i>	313
	<i>Índice</i>	317
	<i>Sobre o Autor</i>	345

PARTE UM

# UM FALSO GOSTO DE VITÓRIA

2001—2002

AMOSTRA

## Uma Missão Confusa

O Marine One, o helicóptero presidencial de topo branco, pousou suavemente na grama perfeitamente aparada do Campo de Desfile do Instituto Militar da Virgínia por volta das 10h do dia 17 de abril de 2002, uma manhã quente e ensolarada de primavera no Vale Shenandoah. Em Cameron Hall, a arena de basquete da escola, cerca de 2 mil cadetes tentavam não suar em seus uniformes de gala cinza e branco engomados, enquanto esperavam para dar as boas-vindas ao comandante supremo. Quando o presidente George W. Bush subiu ao palco, alguns minutos depois, piscando, acenando e mostrando os polegares retos, o público se levantou e explodiu em aplausos.

Bush tinha motivos para sorrir e se deleitar com a atenção. Seis meses antes, ordenara que os militares dos Estados Unidos fossem à guerra no Afeganistão para retaliar os ataques terroristas de 11 de setembro, que mataram 2.977 pessoas na cidade de Nova York, no norte da Virgínia e em Shanksville, na Pensilvânia. Diferentemente de qualquer outra guerra na história norte-americana, essa começou repentina e inesperadamente, provocada por um inimigo sem Estado incrustado em um país sem litoral do outro lado do globo. Mas o sucesso inicial da campanha militar superou as expectativas até mesmo dos comandantes de campo mais otimistas. A vitória chegou de bandeja.

Contando com uma combinação de poder aéreo destruidor, de senhores de guerra apoiados pela CIA e de equipes de comando em terra, os Estados Unidos e seus aliados derrubaram o governo liderado pelo Talibã

em Cabul em menos de seis semanas e mataram ou capturaram centenas de combatentes da Al-Qaeda. Os líderes sobreviventes da rede terrorista, incluindo Osama bin Laden, esconderam-se ou fugiram para outros países.

Houve poucas baixas norte-americanas. Na época do discurso de Bush, vinte soldados norte-americanos haviam morrido no Afeganistão — um a mais do que os mortos durante a invasão norte-americana de quatro dias à ilha caribenha de Granada, em 1983. Os encontros com forças hostis tornaram-se tão esporádicos que alguns soldados reclamaram de tédio. Muitas unidades já haviam voltado para casa. Restaram cerca de 7 mil soldados norte-americanos.

A guerra transformou a posição política de Bush. Embora ele tivesse conquistado a presidência na disputada eleição de 2000 com uma margem mínima de votos, as pesquisas mostraram que 75% dos norte-americanos aprovavam seu desempenho no trabalho à época. Em seus comentários na academia militar, Bush avaliou com confiança os próximos meses. Com o Talibã derrotado e a Al-Qaeda em fuga, ele disse que a guerra havia passado para uma segunda fase, com os Estados Unidos focados na eliminação de células terroristas em outros países. Ele alertou que a violência no Afeganistão poderia aumentar novamente, mas ofereceu garantias de que tinha a situação sob controle.

Aludindo às desastrosas incursões da Grã-Bretanha e da União Soviética nos últimos dois séculos, Bush prometeu que os Estados Unidos evitariam o destino de outras grandes potências que invadiram o Afeganistão. “Foi um sucesso inicial, seguido por longos anos de dificuldades e por um fracasso final”, disse ele. “Não vamos repetir esse erro.”

Mesmo assim, o discurso de Bush mascarou preocupações que circulavam entre os principais membros de sua equipe de liderança. Enquanto o presidente voava para o sudoeste da Virgínia naquela manhã, seu secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, pensava em voz alta no Pentágono, onde trabalhava em um escritório no terceiro andar, na ala externa do prédio. Diferentemente das mensagens tranquilizadoras que Bush e ele haviam transmitido em público durante meses, Rumsfeld temia muito que os militares dos EUA pudessem ficar presos no Afeganistão e que não tivessem uma estratégia de saída bem definida.

Às 9h15, ele cristalizou seus pensamentos e ditou um breve memorando, um hábito de longa data. Ele escreveu tantos, que sua equipe os chamou



de flocos de neve — notas do chefe em papel branco que se acumulavam em suas mesas. Esse em questão foi marcado como confidencial e enviado a quatro altos funcionários do Pentágono, incluindo o presidente e o vice-chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas.

“Posso estar impaciente. Na verdade, sei que estou um pouco impaciente”, escreveu Rumsfeld no memorando de uma página. “Nunca vamos tirar os militares dos Estados Unidos do Afeganistão a menos que tenhamos o cuidado de ver se está acontecendo algo que proporcionará a estabilidade necessária para a nossa partida.”

“Socorro!”, acrescentou.

Rumsfeld teve o cuidado de manter suas dúvidas e apreensões em sigilo, assim como fizera algumas semanas antes, quando se sentou para uma longa entrevista à MSNBC. Durante a transmissão de 28 de março, ele se gabou de ter esmagado o inimigo e disse que não adiantava negociar com os remanescentes do Talibã, muito menos com a Al-Qaeda. “A única coisa que você pode fazer é bombardeá-los e tentar matá-los. Foi isso o que fizemos, e funcionou. Eles foram embora. E o povo afegão está muito melhor.”

Como Bush, Rumsfeld cultivou uma imagem de líder corajoso e decidido. O âncora da MSNBC, Brian Williams, reforçou isso bajulando o secretário de Defesa, elogiando a “bravata” de Rumsfeld e sugerindo que ele era o “homem mais confiante” dos EUA. “Ele preside uma guerra como nenhum outro e se tornou, indiscutivelmente mais do que qualquer outra pessoa, a face pública e a voz dessa guerra”, disse Williams aos telespectadores.

A única questão difícil veio quando Williams perguntou a Rumsfeld se ele alguma vez se sentiu tentado a mentir sobre a guerra durante suas frequentes entrevistas coletivas no Pentágono. “Quantas vezes você foi forçado a distorcer a verdade naquela sala de reuniões pelas vidas norte-americanas que estão em jogo?”

“Simplesmente nenhuma”, respondeu Rumsfeld. “Nossa credibilidade é muito mais importante do que fazer floreios.” E acrescentou: “Faremos exatamente o que for necessário para proteger a vida dos homens e mulheres uniformizados e para que nosso país seja bem-sucedido, mas isso não envolve mentir.”

Pelos padrões de Washington, Rumsfeld não estava mentindo — mas também não estava sendo honesto. Horas antes de gravar a entrevista para

a MSNBC, o secretário de Defesa ditou um floco de neve para dois funcionários contendo uma visão completamente diferente sobre como as coisas estavam indo no Afeganistão.

“Estou começando a me preocupar com o fato de estarmos à deriva”, escreveu ele no memorando confidencial.

No início da guerra, a missão parecia direta e limitada: derrotar a Al-Qaeda e evitar uma repetição dos ataques de 11 de setembro. Em 14 de setembro de 2001, em uma votação quase unânime, o Congresso prontamente autorizou o uso da força militar contra a Al-Qaeda e seus apoiadores.\*

Quando o Pentágono lançou os primeiros ataques aéreos contra o Afeganistão, em 7 de outubro, ninguém esperava que o bombardeio continuaria inabalável por vinte anos. Em um discurso televisionado naquele dia, Bush disse que a guerra tinha dois objetivos limitados: interromper o uso do Afeganistão pela Al-Qaeda como base de operações terroristas e atacar a capacidade militar do regime do Talibã.

O comandante supremo também prometeu às Forças Armadas clareza de propósito. “Para todos os homens e mulheres em nossas Forças Armadas”, declarou, “digo o seguinte: sua missão está definida. Os objetivos são claros”.

Os estrategistas militares são ensinados a nunca começar uma guerra sem ter um plano para encerrá-la. No entanto, nem Bush nem ninguém em sua administração articularam publicamente como, quando ou em que condições pretendiam encerrar as operações militares no Afeganistão.

Nos primeiros dias da guerra e durante o restante de sua presidência, Bush se esquivou de questões sobre por quanto tempo as tropas norte-americanas teriam que lutar no Afeganistão. Ele não queria aumentar as expectativas ou limitar as opções de seus generais comprometendo-se com um cronograma. Mas ele sabia que os norte-americanos tinham memórias dolorosas da última vez em que o país travou uma guerra terrestre interminável na Ásia, e tentou amenizar as preocupações de que a história pudesse se repetir.

.....

\* O Senado aprovou a legislação por 98 votos a 0, e a Câmara dos Representantes a aprovou por 420 votos a 1. A deputada Barbara Lee (Democrata pelo estado da Califórnia) foi a única dissidente.

Durante uma entrevista coletiva em horário nobre concedida no dia 11 de outubro de 2001 na Sala Leste da Casa Branca, um repórter perguntou a Bush à queima-roupa: “Você pode evitar ser arrastado para um atoleiro semelhante ao do Vietnã no Afeganistão?”

Bush tinha uma resposta pronta. “Aprendemos algumas lições muito importantes no Vietnã”, disse ele. “Talvez a lição mais importante que aprendi tenha sido a de que você não pode travar uma guerra de guerrilha com forças convencionais. É por isso que expliquei ao povo norte-americano que estamos envolvidos em um tipo diferente de guerra.”

“As pessoas me perguntam: ‘Quanto tempo isso vai durar?’”, acrescentou. “Essa frente de batalha em particular durará o tempo necessário para levar a Al-Qaeda à justiça. Pode acontecer amanhã, pode acontecer daqui a um mês, pode demorar um ou dois anos, mas prevaleceremos.”

Anos depois, em declarações confidenciais a entrevistadores do governo, muitos funcionários dos EUA que desempenharam papéis fundamentais na guerra ofereceram julgamentos severos sobre a tomada de decisões durante os estágios iniciais do conflito. Eles disseram que as metas e os objetivos da guerra logo se desviaram para direções que pouco tinham a ver com o 11 de Setembro. Eles também admitiram que Washington teve dificuldades para definir com precisão o que esperava realizar em um país que a maioria das autoridades norte-americanas não entendia.

“Se eu fosse escrever um livro, sua mensagem seria: ‘Os EUA vão para a guerra sem saber por quê’”, disse um ex-funcionário não identificado de alto escalão do Departamento de Estado em uma entrevista para o Lições Aprendidas. “Entramos reflexivamente depois do 11 de Setembro sem saber o que estávamos tentando alcançar. Eu gostaria de poder ter escrito um livro sobre ter um plano e um jogo definido antes da investida.”

Outros disseram que ninguém se preocupou em fazer, muito menos em responder, várias perguntas óbvias.

“O que estávamos realmente fazendo naquele país? Entramos depois do 11 de Setembro para derrotar a Al-Qaeda no Afeganistão, mas a missão se perdeu”, disse um funcionário não identificado dos EUA que trabalhou com o representante civil especial da Otan no Afeganistão de 2011 a 2013, em uma entrevista ao Lições Aprendidas. “Os nossos objetivos também estavam confusos: quais eram? Construção da pátria? Direitos da mulher?”

Richard Boucher, que serviu como principal porta-voz do Departamento de Estado no início da guerra e mais tarde se tornou o diplomata dos EUA para o Sul da Ásia, disse que os Estados Unidos tentaram fazer muito e nunca estabeleceram uma estratégia realista de saída.

“Se já houve alguma noção de escalada militar, ela ocorreu no Afeganistão”, disse ele em uma entrevista ao *Lições Aprendidas*. “Começamos dizendo que nos livraríamos da Al-Qaeda para que eles não pudessem mais nos ameaçar e passamos a dizer que íamos acabar com o Talibã. [Então dissemos] que nos livraríamos de todos os grupos com os quais o Talibã trabalha.”

Além disso, informa Boucher, os Estados Unidos estabeleceram uma meta “impossível”: criar um governo estável ao estilo norte-americano no Afeganistão, com eleições democráticas, uma Suprema Corte em funcionamento, uma autoridade anticorrupção, um ministério da mulher e milhares de escolas públicas recém-construídas e com currículos modernizados. “É tentar construir um governo sistemático *à la* Washington, D.C.”, acrescentou ele, “em um país que não funciona dessa forma”.

Com pouca discussão pública, o governo Bush mudou suas metas e seus objetivos logo depois de começar a bombardear o Afeganistão, em outubro de 2001. Nos bastidores, os militares traçavam seus planos de guerra em tempo real.

O capitão de corveta Philip Kapusta, oficial da Marinha que serviu como planejador das Forças de Operações Especiais, disse que as ordens iniciais do Pentágono no outono de 2001 eram pouco específicas. Não estava claro, por exemplo, se Washington queria punir o Talibã ou removê-lo do poder. Ele disse que muitos oficiais do Comando Central dos EUA — o quartel-general encarregado de combater a guerra — não achavam que o plano funcionaria e o viam como um substituto para ganhar tempo de modo a desenvolver uma estratégia mais refinada.

“Recebemos orientações gerais como: ‘Ei, queremos lutar contra o Talibã e a Al-Qaeda no Afeganistão’”, disse Kapusta em uma entrevista de história oral do Exército. “Na verdade, no plano original, a mudança de regime não era necessariamente um objetivo. Não foi descartada, mas não era o que majoritariamente buscávamos.”

Em 16 de outubro, o Conselho de Segurança Nacional de Bush aprovou um documento de estratégia atualizado. O documento secreto de seis

páginas — anexado a um dos flocos de neve de Rumsfeld e posteriormente tornado público — exigia a eliminação da Al-Qaeda e o fim do regime do Talibã, mas listava poucos objetivos concretos além disso.

A estratégia concluiu que os Estados Unidos deveriam “tomar medidas para contribuir com um Afeganistão pós-Talibã mais estável”, mas antecipou que as tropas dos EUA não ficariam por muito tempo: “Os EUA não deveriam se comprometer com qualquer envolvimento militar pós-Talibã, uma vez que os EUA estarão fortemente engajados no esforço antiterrorismo em todo o mundo.”

Desconfiado do histórico do Afeganistão de aprisionar invasores estrangeiros, o governo Bush queria colocar o mínimo possível de pés norte-americanos naquele solo.

“Rumsfeld disse que a nossa suposição era a de que usaríamos uma pequena força dos EUA no Afeganistão porque queríamos evitar a grande marca que os soviéticos deixaram”, disse Douglas Feith, subsecretário de Política do Pentágono, em uma entrevista de história oral na Universidade da Virgínia. “Não queríamos provocar uma reação xenófoba dos afegãos. Os soviéticos colocaram 300 mil caras lá e falharam. Não queríamos recriar esse erro.”

Em 19 de outubro, as primeiras forças de Operações Especiais dos EUA entraram no Afeganistão, juntando-se a um punhado de oficiais da CIA já integrados à Aliança do Norte, uma coalizão de senhores da guerra anti-Talibã. Aeronaves dos EUA com base na região levaram um enorme poder de fogo pelos céus. Apesar de toda a ajuda dos EUA, as forças desorganizadas da Aliança do Norte não conseguiram ganhar muito terreno contra os combatentes do Talibã e da Al-Qaeda.

No Halloween, durante uma reunião no fim da manhã com altos escalões em seu escritório no Pentágono, Rumsfeld se dirigiu a Feith e ao general do Corpo de Fuzileiros Navais Peter Pace, o vice-chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, e disse-lhes que precisavam repensar a estratégia de guerra. O impaciente secretário de Defesa disse que queria um novo plano por escrito e que Feith e Pace tinham quatro horas para concluí-lo, de acordo com a entrevista de história oral concedida por Feith.

Feith e Pace deixaram a suíte de Rumsfeld e marcharam pelo corredor da ala externa do Pentágono até o escritório de Feith. Eles foram acompanhados pelo major-general da Força Aérea Michael Dunn, que liderou a

equipe de planejamento do Estado-Maior Conjunto. Com os dois generais olhando por cima de seus ombros, Feith, de 48 anos, sentou-se à frente de seu computador e esboçou uma nova análise estratégica para Rumsfeld, algo que normalmente levaria meses e legiões de funcionários para ser concluído.

Foi uma cena estranha em vários aspectos. Um intelectual formado em Harvard, com lábios franzidos, óculos redondos e que nunca serviu de uniforme, Feith deixou muitos generais malucos por presumirem que ele sabia mais sobre as operações militares do que eles. O general do exército Tommy Franks, um homem rude de Oklahoma encarregado da guerra, mais tarde chamaria Feith de “o cara mais estúpido da face da Terra”. Outro general de quatro estrelas do Exército, George Casey, descreveu Feith em uma entrevista de história oral da Universidade da Virgínia como “intransigente” e alguém com quem era quase impossível de se trabalhar, acrescentando: “Ele sempre achava que estava certo e era tão tenaz em seus argumentos e em suas posições que ficava muito difícil.”

Talvez de forma improvável, Feith se deu bem com Pace, que lutou no Vietnã como líder de pelotão de fuzileiros e serviu na Somália, na Coreia e em outros locais durante seus 34 anos na Marinha. Juntos, sem perder de vista o relógio, desenvolveram novas diretrizes estratégicas para o Afeganistão e as entregaram a Rumsfeld a tempo de cumprir o prazo final da tarde. “No decorrer, virei-me para Pace e disse algo como: ‘Isso é um pouco estranho, não é?’”, lembrou Feith. “É como as noites em claro na época da faculdade.”

O jornal revisitou algumas questões óbvias sobre a campanha militar: “Onde estamos? Quais são nossos objetivos? Quais são nossas suposições? O que podemos fazer?” Feith estava orgulhoso do produto final. Em sua entrevista de história oral, ele deixou implícito que seu chefe também o aprovava. “Foi, em miniatura, uma análise estratégica adequada do ponto de vista de Rumsfeld. Se houver urgência, você não pode estudar nada até a exaustão.”

Dias depois, muitos oficiais norte-americanos ficaram chocados quando a maré da batalha mudou abruptamente a seu favor. Com a ajuda dos EUA, as forças da Aliança do Norte tomaram o controle de várias cidades importantes em pouco tempo: Mazar-e-Sharif, em 9 de novembro; Herat, em 12 de novembro; Cabul, no dia seguinte; e Jalalabad, no outro.

Kapusta, o planejador de guerra das Operações Especiais, estava sentado em uma sala de conferências no quartel-general do Comando Central, em Tampa, com um grupo de oficiais superiores, maravilhados com o progresso. “Um dos caras disse — logo depois que Cabul caiu — ‘Ei, vocês não acreditavam que essa merda funcionaria, né?!’ E todos na sala menearam a cabeça em concordância.”

Os líderes do Pentágono ficaram igualmente perplexos com a rápida reviravolta dos acontecimentos. “Lá para novembro, estávamos nos perguntando quanto do país poderíamos retomar ou assumir antes das férias. Poderíamos avançar o suficiente para sobreviver ao inverno?”, disse Pace, o general da Corpo de Fuzileiros Navais, em uma entrevista de história oral à Universidade da Virgínia. “Agora seremos donos de todo o país antes do Natal. Você pensaria: ‘Nossa, incrível.’”

Tendo derrubado o Talibã de forma um tanto inesperada, os comandantes militares dos EUA não estavam preparados para as consequências e não sabiam o que fazer. Eles temiam que o Afeganistão caísse no caos, mas também temiam que, se enviassem mais forças terrestres dos EUA para preencher o vácuo, fossem responsabilizados pelos muitos problemas do país. Como resultado, o Pentágono despachou algumas tropas extras para ajudar na caça a bin Laden e a outros líderes da Al-Qaeda, mas limitou sua visibilidade e suas tarefas tanto quanto possível.

Naquele momento, era o suficiente para impedir que o Afeganistão se dilacerasse. Em público, Rumsfeld agia como se não tivesse duvidado do plano geral de guerra nem por um minuto.

“Acho que o que estava acontecendo nas fases anteriores saiu exatamente como o planejado. As condições para o que precisava ser feito foram estabelecidas”, disse Rumsfeld durante uma triunfante entrevista coletiva em 27 de novembro na sede do Comando Central, em Tampa. Ele lançou um golpe sarcástico aos repórteres que haviam levantado o espectro do Vietnã. “Parecia que nada estava acontecendo. Na verdade, parecia que estávamos — todos juntos agora! — em um atoleiro.”

No início, o Exército dos EUA estava tão decidido a abreviar sua estada no Afeganistão que se recusou a importar amenidades básicas para deixar as tropas mais confortáveis. Os soldados que queriam roupas limpas tinham que transportar as sujas de helicóptero para uma base de apoio temporária no vizinho Uzbequistão.

Para o Dia de Ação de Graças, o Exército fez uma pequena concessão à limpeza e despachou uma equipe de dois homens para instalar o primeiro chuveiro na Base Aérea de Bagram, no norte do Afeganistão — à época, lar de cerca de duzentos soldados das Forças Especiais e de dezenas de soldados aliados.

“Alguns dos caras estavam lá havia uns trinta dias, então eles precisavam de um banho”, disse o major Jeremy Smith, o intendente que supervisionava a unidade de lavanderia no Uzbequistão, em uma entrevista de história oral ao Exército. Seus superiores não queriam enviar pessoal nem equipamento extra para Bagram, mas acabaram cedendo.

“Por fim, eles disseram: ‘Tudo bem, vamos em frente, vamos fazer isso’”, lembrou Smith. “Mas significava: ‘Não temos certeza de quanto tempo ficaremos aqui, não temos certeza sobre um monte de coisas, então nossa presença aqui será a mínima possível. Qual é o menor número de pessoas que pode enviar?’ O mínimo que pude enviar foram duas. ‘Qual é a configuração mínima de chuveiros que você pode enviar?’ ‘Bem, ele foi projetado para doze pessoas, mas o menor que podemos enviar de forma realista é um chuveiro para seis cabeças.’ O misturador, a caldeira e as bombas foram todos projetados para um chuveiro de doze cabeças, então, um desses para apenas seis tinha uma pressão de água muito boa. Todo mundo gostou.”

Com o tempo, Bagram aumentou de tamanho até se tornar uma das maiores bases militares dos EUA no exterior. Quando Smith voltou a Bagram, uma década depois, para uma segunda viagem de serviço, foi saudado por uma cidade em pleno funcionamento, com um shopping center, uma concessionária da Harley-Davidson e cerca de 30 mil soldados, civis e empreiteiros. “Mesmo antes de o avião parar”, disse Smith, “reconheci imediatamente as montanhas e depois disso notei que tinha o mesmo cheiro. Em seguida, descendo, foi tipo: ‘Caramba! Não reconheço quase nada.’”

Em dezembro de 2001, entretanto, apenas 2.500 soldados norte-americanos estavam em solo em todo o Afeganistão. Rumsfeld permitiu que o número aumentasse lentamente, mas impôs limites estritos. No final de janeiro, mais militares dos EUA estavam cobrindo os Jogos Olímpicos de Inverno de 2002, em Salt Lake City (4.369), do que servindo no Afeganistão (4.003).

Muitas das tropas no sul do Afeganistão ficaram em uma pista de pouso perto de Kandahar, onde as condições eram ainda mais primitivas do



que em Bagram, a cerca de 480 quilômetros. “Havia apenas um ponto de chuveiro em todo o lugar”, disse o major David King, do 160º Regimento de Aviação de Operações Especiais, em uma entrevista de história oral ao Exército. “Você tinha que planejar o uso de um tubo de urina e cagar em um barril e o queimar com óleo diesel... Não havia nenhum vagão de mel\* ou penicos de porta ou essas coisas, pelo menos naquele ponto.”

Quando o major Glen Helberg, oficial de infantaria, chegou ao campo aéreo de Kandahar, em janeiro de 2002, passou a noite em um saco de dormir na terra do deserto. “Era poeira lunar, e choveu naquela noite, então a água corria por baixo das abas da tenda. Acordei, e algumas das minhas coisas estavam flutuando”, disse ele em uma entrevista de história oral ao Exército.

Quando a unidade de Helberg partiu, seis meses depois, os soldados estavam dormindo em camas, em vez de no chão. Ninguém imaginava que o campo empoeirado de Kandahar estava destinado a se tornar um gigantesco centro de combate em uma escala semelhante à de Bagram. Em alguns momentos, ele se tornava o campo de aviação mais movimentado entre Delhi e Dubai, com 5 mil decolagens e pousos por semana.

Em vez disso, naquele momento, parecia que a guerra já havia atingido o auge e o estágio de limpeza. Em uma entrevista de história oral ao Exército, o major Lance Baker, oficial de inteligência, disse que circularam rumores de que sua unidade, a 10ª Divisão de Montanha, “não tinha mais nada para fazer, não havia mais combates, o Afeganistão acabara. Vamos para casa!”

Em junho de 2002, o major do Exército Andrew Steadman e seu batalhão de paraquedistas desembarcaram em Kandahar, todos entusiasmados para caçar a Al-Qaeda — e acabaram não fazendo nada de nada. “Os caras só jogavam videogame”, disse ele em uma entrevista de história oral ao Exército. “Eles malhavam de manhã e faziam treinamentos à tarde.”

No leste do Afeganistão, perto da fronteira com o Paquistão, o pelotão de rifles do major do Exército Steven Wallace também teve dificuldade em encontrar alguém para lutar. “Ficamos lá por oito semanas e não tivemos um único tiroteio”, disse ele aos historiadores do Exército. “Na verdade, foi muito chato.”

.....

\* Gíria que faz referência a um vagão que transporta os excrementos. (N. da T.)

Superficialmente, o Afeganistão parecia estar se estabilizando. As Nações Unidas sediaram uma conferência em Bonn, na Alemanha, que estabeleceu um plano de governança para o Afeganistão em dezembro de 2001. Hamid Karzai, líder tribal pashtun e trunfo da CIA, que falava inglês fluentemente, foi escolhido como líder interino. Grupos humanitários e dezenas de países doadores entregaram a tão necessária ajuda.

O governo Bush ainda estava receoso de se perder, mas as vitórias militares rápidas e decisivas aumentaram a confiança das autoridades norte-americanas, e eles apontaram novos objetivos.

Stephen Hadley, vice-conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca na época, disse que a guerra passou para “uma fase ideológica”, na qual os Estados Unidos decidiram introduzir a liberdade e a democracia no Afeganistão como alternativa ao terrorismo. Para que isso acontecesse, as tropas norte-americanas precisavam prolongar sua permanência.

“Originalmente, dissemos que não construímos nações, mas não há como garantir que a Al-Qaeda não volte sem fazer isso”, disse Hadley em uma entrevista ao *Lições Aprendidas*. “Não queríamos nos tornar ocupantes ou oprimir os afegãos. Mas, depois que o Talibã foi eliminado, não queríamos jogar fora esse progresso.”

Quando Bush fez seu discurso para os cadetes do Instituto Militar da Virgínia, em abril de 2002, ele havia definido um conjunto de objetivos muito mais ambiciosos para a guerra. Os Estados Unidos, disse ele, são obrigados a ajudar o Afeganistão a construir um país livre do terrorismo, com um governo estável, um novo exército nacional e um sistema educacional para meninos e meninas. “A verdadeira paz só será alcançada quando dermos ao povo afegão os meios para realizar suas próprias aspirações”, acrescentou.

Bush agora prometia que os Estados Unidos transformariam o país empobrecido que havia sido traumatizado pela guerra e pelos conflitos étnicos nos últimos 25 anos. Os objetivos eram nobres e elevados, mas Bush não ofereceu especificações ou parâmetros de referência para alcançá-los. Em seu discurso no Instituto, ele também se esquivou da questão de quanto custaria ou quanto tempo poderia levar, dizendo apenas: “Vamos ficar até a missão terminar.”

Foi um erro clássico não aderir a uma estratégia clara com objetivos concisos e alcançáveis. Ainda assim, poucas pessoas expressaram preocupação com o fato de os Estados Unidos terem se comprometido com uma

missão sem um fim definido. Aqueles que levantaram dúvidas foram ignorados. “Quando fomos ao Afeganistão, todo mundo falava em um ou dois anos, e eu disse a eles que teríamos sorte se saíssemos em vinte anos”, disse Robert Finn, embaixador dos Estados Unidos no Afeganistão de 2002 a 2003, em uma entrevista ao Lições Aprendidas.

Durante anos, os comandantes militares mais graduados relutaram em reconhecer que haviam cometido erros estratégicos fundamentais. Tommy Franks, o general do Exército que supervisionou o início da guerra, acreditava que havia cumprido seu dever: derrotar a Al-Qaeda e derrubar o Talibã. “Quantos ataques mais ocorreram no solo dos EUA patrocinados pelo Afeganistão?”, questionou Franks em uma entrevista de história oral à Universidade da Virgínia. “Dá um tempo. Resolvemos um problema.”

Quanto a definir o futuro do Afeganistão, Franks pensava que era responsabilidade de outra pessoa: “Agora, criamos outras adversidades, e não cuidamos dos séculos, se não milênios, de pobreza e de todos os problemas que ocorrem no Afeganistão”, disse ele. “Deveríamos ter traçado isso como um objetivo? Não cabe a mim dizer isso. Muitas vezes fiquei feliz porque o presidente nunca me perguntou: ‘Bem, devemos fazer isso?’, porque eu teria dito: ‘Esse é o seu trabalho, não o meu.’”

Não foi a última vez que Franks liderou uma invasão, mas falhou em planejá-la adequadamente para a ocupação do pós-guerra.

Seis meses após o início da guerra, os Estados Unidos cometeram o erro arrogante de presumir que o conflito havia terminado com sucesso, nos termos norte-americanos. Osama bin Laden ainda estava solto, mas, fora isso, as pessoas em Washington pararam de prestar muita atenção ao Afeganistão e passaram a se preocupar com outro país da região: o Iraque.

Em maio de 2002, um novo general de três estrelas do Exército chegou ao Afeganistão para assumir o comando das forças norte-americanas. Dan McNeill, veterano do Vietnã de 54 anos e oriundo da Carolina do Norte, disse que o Pentágono já estava tão focado no Iraque que lhe deu pouca orientação.

“Não havia nenhum plano de campanha nos primeiros dias”, afirmou McNeill em uma entrevista ao Lições Aprendidas. “Rumsfeld ficaria animado se houvesse algum aumento no número de botas no chão.”

Quando o outono chegou, até mesmo o comandante supremo se distraiu e se esqueceu de detalhes importantes sobre a guerra.

Na tarde de 21 de outubro, Bush estava trabalhando no Salão Oval quando Rumsfeld entrou com uma pergunta rápida: o presidente queria se encontrar naquela semana com o general Franks e com o general McNeill?

Bush parecia perplexo, de acordo com um floco de neve que Rumsfeld escreveu mais tarde naquele dia.

“Ele perguntou: ‘Quem é o general McNeill?’”, lembrou Rumsfeld. “Respondi que ele é o general encarregado do Afeganistão. Ele disse: ‘Bem, não preciso me encontrar com ele.’”

AMOSTRA